

Segundo Coloquio Latinoamericano de Literatura y Teología
Identidad Latinoamericana y Cristianismo
08-09 de outubro de 2008
Santiago do Chile

Os deuses de hoje: poesia e visões sobre o Brasil

Juliana P. Perez¹

Abstract: O poeta brasileiro Bruno Tolentino (1940-2007) escreveu *Os deuses de hoje* entre os anos de 1964 e 1985, publicando-o em 1995. O período de redação do livro corresponde aos anos do regime militar no Brasil. Seus poemas apresentam uma visão singular do país naquele momento e também a visão de quem, dez anos mais tarde, observa os desenvolvimentos da democracia. A poesia torna-se o instrumento para refletir sobre o esquecimento das raízes cristãs do Brasil, a negação ideológica de qualquer impulso metafísico do ser humano e suas conseqüências sociais.

Palavras-chave: Bruno Tolentino, poesia brasileira, idéia, cristianismo, Brasil

1. Duplamente inútil

Em agosto de 2004, convidado para participar do encerramento de um importante evento cultural europeu, Bruno Tolentino (1940-2007) dizia que “um poeta cristão não [serve] para nada duplamente”: para nada serve como poeta, para nada serve como cristão. Tratava-se de uma mesa-redonda sobre um livro do padre italiano Luigi Giussani; Tolentino dividia a apresentação do livro com dois grandes amigos de Giussani e perguntava-se:

Qual seria a função de um poeta na apresentação de um livro como este aqui? Um poeta pode dizer isto – e talvez só como poeta possa dizê-lo – que um livro como este prova que o cristianismo é uma comunicação. Não o comunicar-se de alguma coisa, mas da totalidade do ser, e essa totalidade do ser não pode estar senão numa pessoa viva, ali, numa presença: é um olhar, dois olhos que encontram dois olhos, que o questionam, e o esforço para responder a este questionamento. Aí está o Mistério de Deus, do cristianismo, que não é uma religião, uma filosofia ou um modo de ser. [...] o cristianismo é o presente que Cristo deu à carne, isto é, se fez dom, se fez carne, para vir ao nosso encontro. Tudo, está tudo aí, nesse comunicar-se fisicamente. E não podemos deixar-nos substituir por uma teoria: o mundo como conceito não pode tomar o lugar dAquele que morreu na cruz por nós, depois de ter nascido no seio de uma mulher, de uma moça que não era ninguém.”²

Três anos depois, em suas últimas aulas, Tolentino resumiu mais uma vez uma visão de mundo em que as palavras cristianismo, Brasil, poesia, cultura, civilização e metafísica aparecem harmonizadas. Aliás, o escritor não defendia uma visão de mundo, relatava uma *experiência* de vida que uniu em si todos esses elementos e deu origem a uma obra única na literatura brasileira:

¹ Doutora em Literatura Alemã pela Universidade de São Paulo (USP, Brasil), professora adjunta de Língua e Literatura Alemã do Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil). Email: iuliperez@yahoo.com.br

² TOLENTINO, Bruno. “Olhar nos olhos”. Trechos da palestra realizada no *Meeting* de Rimini, 2004. In: *Passos*, ano XXII, n. 85, agosto 2007, p. 39.

... proponho-me agora, sobretudo, recordar como foi que cheguei a várias conclusões durante a minha vida, como foi que elas me vieram, por que algumas coisas me tiraram do sério, e de que maneira tudo isso me fez concluir que era necessário fazer uma contribuição cultural – lá vem essa palavra outra vez –, civilizacional, aqui no Brasil. Tenho muito interesse em deixar bem sublinhada a necessidade de escolhermos entre a linguagem profunda que a poesia nos empresta, e essa outra que, no final das contas, quando não é uma doxologia, quando não é a história de um maravilhamento, é simplesmente a arte de abençoar supermercados...

Talvez possamos entender assim o que eu quero dizer por “mundo-como-Idéia”, e em que medida vale a pena cuidar desse ponto de vista, dessa maneira de encarar a realidade simplesmente como uma Idéia ou, alternativamente, reconhecer que a vida é metafísica. Porque, no final das contas, continua a ser um ponto de vista, e talvez um punhado de palha – como dizia São Tomás – seja mais importante do que todo o resto. Temos muito o que defender, aqui no Brasil, contra a atual tendência ao bestialógico e ao despudor dos neurônios, e isso é muito importante; mas mais importante ainda é não descobrirmos, na véspera da morte, que passamos a vida inteira abençoando supermercados...”³

Em que pese a falta de melhor explicação dos contextos em que foram ditas, as longas citações podem ser o ponto de partida para esta breve apresentação do livro *Os deuses de hoje*, que Tolentino escreveu entre os anos de 1964 – ano de início do regime militar no Brasil – e 1985, ano em que Tancredo Neves foi escolhido pelo Colégio Eleitoral para ser o primeiro presidente civil da República e para, de certa forma, conduzir o país a um Estado democrático de direito.

As datas são tanto biográficas quanto simbólicas: em 1964, Tolentino tinha 24 anos, já era possuidor de um prêmio de poesia (*Prêmio Revelação de Autor*, 1960) e partia para a Europa, por decisão da família, pouco depois da tomada do poder pelos militares. Ele visitaria o Brasil em 1985, mas só retornará definitivamente à terra natal em 1993, após diversos países e casamentos, amizades com importantes escritores europeus e trechos de vida quase cinematográficos. Trazia na mala dois livros de poesia lançados no exterior (*Le vrai Le vain*, Paris, 1971; *About the Hunt*, Oxford, 1978) e outros livros a serem publicados em vernáculo, elaborados paralelamente e lançados em breve espaço de tempo: *As horas de Katharina*, 1994; *Os deuses de hoje*, 1995; *Os sapos de ontem*, 1996; *A balada do cárcere*, 1996; *Anulação e outros reparos*, edição definitiva, 1998; *O mundo como idéia*, 2002 e *A imitação do amanhecer*, 2006. À exceção de *Os sapos de ontem*, livro satírico que conquistou diversas inimizades para seu autor, todos os livros de Tolentino foram premiados. E todos, com diferentes nuances, abordam as relações entre a pessoa, o impulso metafísico ou sua negação.

Mas enquanto *As horas de Katharina* e *A balada do cárcere* são a documentação mais precisamente subjetiva de dois caminhos de conversão, e *O mundo como idéia* e *A imitação do amanhecer* são fundamentalmente filosóficos, é em *Os deuses de hoje* que a pergunta pela situação real do Brasil é feita: os poemas apresentam uma visão singular do país no momento em que os militares iniciam os chamados “anos de chumbo”, e a visão de quem, trinta anos mais tarde, encontra um país culturalmente desmantelado. Nesse livro, a poesia é o instrumento de reflexão sobre a negação ideológica da metafísica e suas conseqüências pessoais e sociais.

³ TOLENTINO, Bruno. “Do enigma ao mistério”. In: *Dicta & contradicta*, n. 1, 2008, p. 16-17.

2. O Brasil em seus poetas

Como vários outros livros de Tolentino, *Os deuses de hoje* possui três partes: “Durante o baile negro”, “Torres e deuses”, “Na terra provisória”. A primeira parte concentra os poemas mais antigos, escritos antes da partida de Tolentino e em seus primeiros anos no exterior e anuncia um dos temas fundamentais de sua obra final: a aceitação da despedida como condição necessária para o conhecimento da realidade. Como dirá em suas últimas aulas, a intuição melancólica adquirida a partir da leitura de Manuel Bandeira e Cecília Meirelles assumirá uma forma particular em sua obra:

Descubro a metáfora dessa luz deliquescente – e daí o meu particular interesse pela pintura – : essa luz que desmaia, em que a percepção humana não tem total noção da clareza das coisas, não consegue anular a treva. Aparece, então, a noção de luz pensada e dessa luz que treme, que, do meu ponto de vista, é talvez a metáfora mais exata para a condição humana. [...] É essa necessidade de aceitar que tudo aquilo que nós amamos está sempre como a ponto de se pôr como o sol, está tingido por essa luz de ocaso que não é menos bela por sê-lo – ao contrário, talvez seja até mais bela, mais doce, mais dolorosa por isso.”⁴

Mas o Brasil que o jovem deixa na década de sessenta é o Brasil de seus poetas: deixar a terra equivale, no livro, a despedir-se de seus escritores (alguns dos quais Tolentino conhecia pessoalmente). O livro inicia com a descrição da ameaçadora chegada d’ “Os deuses de hoje”:

Os deuses vagarosos, os que avançam
sem pressa, pelo passo
do homem filho do lobo,
neste triste pedaço perdido de um globo
procedem agora

Em matilhas. [...] (p. 19)

Segue-se o caminho de adeus e dor em uma visita à cidade de Mariana:

[...]
Mestre crucificado de saída
pela alma entrevista e musicada,
eu vou-me embora, vou tomar a estrada
sem retorno previsto, e a despedida

que vim fazer aqui tem mais sentido,
mais dignidade do que em todo o resto
do país: o país anda iludido,

amordaçado, e eu faço deste gesto
e do sinal-da-cruz o meu gemido
de esperança, de adeus e de protesto! (p. 21)

E continua em “O primeiro adeus a Manuel Bandeira”, “Em busca do túmulo de Casimiro de Abreu” e em “A última visita”, em que Tolentino se despede de Cecília Meirelles, estando a poeta já gravemente doente.

⁴ *Id. Ibid.* p. 24.

A última visita

Nosso baile é de brilhos tão frágeis
com um tal aroma de ilusão,
que quase tudo ao toque da mão
desfaz-se entre os dedos mais ágeis,
deixa de ser o que imitava mal.
A perda é nosso dom natural.

[...]

Um país desmorona-se, alastra-se
a fogueira inglória e mesquinha,
mas em pleno desastre a vizinha
da eternidade imita os astros,
ascende e brilha, a estrela pálida,
é certo, mas já quase a crisálida:

[...]

Um país vai perdendo o rumo,
mas ali está sua linhagem
mais nobre e firme: uma linguagem,
um canto imperturbado, o sumo
de uma raça entre a dor e o lençol
espelhando a exatidão de um sol.

[...]

Dona Cecília vai morrer. [...] (p. 25-28)

Da emoção contida dos versos, aliada à crítica feroz ao Brasil, que se tornará cada vez mais ácida ao longo do livro, depreende-se a função que Tolentino atribui à poesia: ela será, acima de todos os outros instrumentos da razão, o lugar por excelência em que o coração pode deixar o embotamento a que as ideologias o obrigam e reavivar seu respiro metafísico. A morte de Cecília Meirelles é o emblema de uma morte cultural; a esperança de sua ressurreição, de ver enfim o “rascunho do ser” passado a limpo – imagem que Tolentino empresta de São Boaventura – corresponde à possibilidade de recuperar a verdade política, cultural e social de um país.

É escusado lembrar que Tolentino utiliza de forma despreocupada palavras que, em outros contextos, estariam carregadas de aterrorizantes ideologias: país, nação, terra, raça, povo. Não valeria a pena deter aí a análise: trata-se apenas da herança de discursos do escritor que conviveu, ainda menino, com personalidades como Lúcia Miguel Pereira (sua tia), Gilberto Freire e Sergio Buarque de Holanda, entre outros, na década de 30 – época em que, justamente, se procurava compreender de forma mais profunda o amálgama de culturas que havia dado origem ao *ethos* do que ainda se chama Brasil.

Muito mais significativo para a compreensão do livro é a elaboração dos sonetos de “Juízo Final”, em que a crítica dirige-se a si mesmo, e “A garça e o equilibrista”, que contém *in nuce* o argumento central de *O mundo como idéia* e *A imitação do amanhecer*: a substituição do real por uma imagem idealizada (seja qual for), que acaba por enrijecer a realidade como um olhar de Medusa, e a necessária aceitação da Cruz

como antídoto contra “o linguajar da estátua em seu vazio”, “a vida imaginada”, “os labirintos no lugar do real”, “o sonho formal”. (Cf. Anexos)

Ao inserir na primeira parte de *Os deuses de hoje* uma reflexão sobre a forma, relacionando-a ao *ethos* da razão em relação ao real, Tolentino define a única “utilidade” de ser duplamente inútil: a função da poesia seria nada menos que a vigilância do espírito.

3. Poetas no Brasil?

A vigilância, entretanto, antes de ser a desejada transfiguração, pode significar um juízo amargo sobre a circunstância:

Alberto Torres,
há muitos anos,
disse de nós
que não formamos
uma união
ainda não;
que, como os símios
que trocam os ramos
pelos cipós,
nos enredamos
com o ilusório
e confundimos
o bem e o mal;
que porque temos
um território
nos persuadimos
de que há um país
nesse local.
[...]

p. 145

A tua raça,
alimentando-se
da mentira,
escravizando
sem cerimônia
seus semimortos,
primeiro corte
em direção
ao precipício
e, como o bando
daqueles porcos
que eram demônios
fugindo ao Cristo,
enfim se atira
sobre a carcaça
dos próprios vícios,
dos mesmos erros,
o velho misto
de desesperos
que entrega tudo
à mão de ferro
e de veludo
dos deuses frios,

demolidores
das tuas torres
e construtores
dos teus vazios.

(p. 201)

O chamado interlúdio “Torres e Deuses”, escrito em 1994, estende-se por cinquenta páginas de tetrassílabos – metro usado, por exemplo, por Gonçalves Dias – que, em longos enjambements retratam impiedosamente o vazio cultural do país ao qual Tolentino retornara. Os “deuses de hoje”, agora não mais os militares, passam a ser no livro os responsáveis pela petrificação intelectual do que antes fora um lugar culturalmente vivaz.

Assim, o Brasil passa a ser mais uma vez “a terra provisória”, título da terceira parte do livro, em que se compõe em um último lance de esperança a “Prece pelo dia seguinte”. Tolentino volta a encontrar a família de Cecília Meirelles e, mais uma vez – real e simbolicamente – se vê diante de uma cena de morte: a filha da escritora também se encontra gravemente enferma; a morte iminente da filha, como há trinta anos a morte de Cecília, faz o poeta unir novamente o destino do país não só ao destino da poesia, mas ao indispensável reconhecimento da dimensão metafísica da existência, uma vez que para ele a identidade cultural consiste não em costumes e lendas, mas em uma linguagem compartilhada cujo ápice seria a linguagem da poesia. Como afirma Pedro Sette Câmara em recente artigo, ao lado da espantosa erudição dos textos de Tolentino, constitui-se uma linguagem familiar⁵ que, justamente por romper com um falar desatento e automatizado através da mistura de registros, aproxima o leitor a uma dimensão mais profunda da existência.

No poema, Tolentino dirige-se à padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, em uma prece que alterna momentos de raiva, perplexidade e ternura, sofrimento e serenidade.

Prece pelo dia seguinte

Beatíssima Virgem Maria,
amica nostra, mãe do espírito
e de todo princípio e origem,
pequeno espelho do infinito
e para central da estirpe
deste mundo tão esquisito
para qual pariste o teu Filho;

a filha de Dona Cecília
está morrendo igual a ela;

⁵ “Entretanto, retomando o que foi dito no começo, a diferença destes poemas-crônicas para os que viriam com a mesma designação a partir dos anos 1970 está na relevância dos temas: os mais contemporâneos fazem um convite a seu universo privado, e os mais distantes ainda referiam eventos da memória potencialmente comum, ou que, no caso de *Os Santos da Luz da Penha*, apontam para questões perenes, como o desejo de controlar a vida. Esses poemas, hoje ainda entre os menos comentados, mas mais próximos da linguagem e do modo de falar correntes, podem vir a dar a Bruno Tolentino o título de “poeta público” do fim do século XX – nem que seja porque ninguém mais quis tentar sê-lo.” SETTE CÂMARA, Pedro. “Bruno Tolentino, poeta público”. In: http://www.dcomercio.com.br/noticias_online/1106186.htm (acesso em 17/08/2008)

[...]

A mortalidade moral
mata mais que faca e fuzil
no território nacional;
de ponta a ponta o meu país,
cada dia mais infantil,
mata a si mesmo com ardis,
com imposturas, [...]

E o que custa
parar um minuto, dois três,

e refletir, orar, ou ver,
ver simplesmente o que fazemos
da raça inteira, de nós mesmos?
[...]

(p. 215-216)

Transforma o meu país, Senhora
das súbitas transfigurações,
ó Aparecida nos porões
em que torturam o homem e a aurora,
ó peregrina entre as visões,
ó negra, ó branca, ó mediadora
das grandes reaproximações,

escuta-nos, mãe de Jesus!
Ora pro nobis, vem a nós,
como estavas ao pé da Cruz
à hora sombria, o instante atroz
em que se ouviu aquela voz:
Por que me abandonaste? A luz
nos abandona, estamos sós

terrivelmente, mais a culpa
que temos todos deste horror...
Que fizemos de nós, ó Mística,
ó Rosa Rústica, ó penhor
da salvação à hora última,
advogada ante o Senhor,
vem a nós, fala-nos, que a acústica

da velha catedral em ruínas
ecoe outra vez com teu nome,
tua voz! [...]

(p. 219)

Nós, os mutantes, os idólatras
das lucubrações orgulhosas
do encolhido intelecto, esse alcoólatra
que se embebedou de paródias.
A tua inteligência da morte
é o único modelo da nossa.
O mais é a miragem do apóstata.

(p. 220)

Sem se eximir da própria responsabilidade, Tolentino ataca decididamente qualquer tentativa do intelecto de reduzir a realidade a uma construção ideal e inevitavelmente mesquinha. Ao atacar os “deuses de hoje”, ataca qualquer projeto de país que corte as

raízes aéreas da dimensão metafísica da vida, uma vez que só nelas seria possível encontrar, e não sem esforços, a verdadeira identidade de um povo. Em tempos de tantos discursos sombria e politicamente corretos, seria de se desejar que não só no Brasil muitos leitores descobrissem a inutilidade deste poeta.

4. Anexos

Os deuses de hoje

Os deuses vagarosos, os que avançam
sem pressa, pelo passo
do homem filho do lobo,
neste triste pedaço perdido de um globo
procedem agora
em matilhas.

Procedem sem demora,
mais pausados, cientes,
certos, porque são deuses,
de que as ruínas como as armadilhas
são e serão só deles.

Fazem o que tantas vezes
fizeram antes:
ocupam todo o espaço,
passo a passo
cancelam ou ignoram
os figurantes
e pegam de surpresa,
pelos bigodes
as barbas

os barbantes,
títulos numerosos,
os que de hoje em diante
serão ainda mais reles,
miudeza nas redes
ou carniça no gancho entre as paredes.

Os outros, os ruidosos,
os que gastam a saliva sem afiar os dentes,
passam a ser só presa.

Em tempos como estes
esperemos aqueles,
os bastardos do lobo,
é para eles só que o escombros humano dança,
agoniza na longa noite acesa.

Os deuses vigorosos do presente
multiplicar-se-ão
e, em números crescentes,
inferno por inferno
nesta terra feroz passada a ferro
chegarão

às jaulas, aos porões, às consciências,
disformes como levas
de sangue e de vileza nas casernas
de uma nação fichada e insultada.

Os outros não são nada.

Os senhores da treva,
os donos da impudência,
são deuses, são eternos.

Como os nossos gemidos
que não passam
eles não passarão.

Virão, virão, e continuarão
a vir, a ir chegando
nas mandíbulas

sempre os mesmo pedaços
dos nossos sonhos e do nosso irmão.

Rio de Janeiro, abril de 1964.

p. 19-20

A última visita

Nosso baile é de brilhos tão frágeis
com um tal aroma de ilusão,
que quase tudo ao toque da mão
desfaz-se entre os dedos mais ágeis,
deixa de ser o que imitava mal.
A perda é nosso dom natural.

[...]

Um país desmorona-se, alastra-se
a fogueira inglória e mesquinha,
mas em pleno desastre a vizinha
da eternidade imita os astros,
ascende e brilha, a estrela pálida,
é certo, mas já quase a crisálida:

[...]

Um país vai perdendo o rumo,
mas ali está sua linhagem
mais nobre e firme: uma linguagem,

um canto imperturbado, o sumo
de uma raça entre a dor e o lençol
espelhando a exatidão de um sol.

[...]

Dona Cecília vai morrer. Um monge
pensa na Cruz e vê ao longe
a grande luz que o transfigura;
um poeta vai fixando
o olhar de cisne ora no bando,

ora naquilo que mal vê;
mas quando a última visão vier
vai cantar com certeza, a mulher
e o cisne vão se unir porque
assim se passa deste lado
ao instante transfigurado

que é como a cópia do rascunho,
a última, a exata versão
prometida àquela união
de contrários cujo testemunho
era esse canto precisamente.
Por enquanto ainda fala à gente

Que não sabe, ou finge não saber,
que a tarefa de viver é ofício
muito mais grave que difícil,
e que à hora do entardecer
será preciso erguer os olhos
para além dos faróis e escolhos

e fixar o olhar de leve
e sem armadura nenhuma
não no naufrágio, mas na espuma,
não no que se cobra ou se deve,
mas na misericórdia do punho
que vai passar a limpo o rascunho.

[...]

(p. 28)

São Paulo-Roma, 1964

A caminhada ao cais

[...]

Vou deixar-te para não te ver
atravancar o amanhecer

com balbúrdias e carnificinas,

a tragédia que desde criança
vi-te amontoar-te nas esquinas.
Rio de Janeiro, 8/5/1964

A garça e o equilibrista

IX

Eu aos poucos mudava a emoção de lugar,
devagar, mas aos trancos. Enquanto isso, enquanto
demolia o real para o solenizar,
extraía às ruínas que fazia, não tanto
a música das coisas como um puro esperanto
tecido de lacunas e orgulho, o linguajar
da estátua em seu vazio. [...] (p. 127)

X

[...]
O Cristo é um acordado, a Cruz é uma intrusão,
a Paixão é um alarme, um clarim, mas no fundo
dos budismos do belo não há ressurreição. (p. 127)

XI

[...]
Compus assim, no meu jardim sem madrugada,
a elegia ideal da vida imaginada,
ergui meus labirintos no lugar do real. (p. 127)

XIV

Há duas posições ante o sonho formal:
a hipnose passiva e o douto hipnotismo.
De um lado a aquiescência inquieta do animal
que se teme perdido; do outro o equilibrismo
decidido e vital de quem teme o abismo,
mas desafia a queda. De um ao outro o local
do holocausto da arte como um mero sinal
de menos ante o mundo: vertigens de alpinismo
e febres de remorso, que eu misturava à vida
como quem pára um pouco à porta da saída,
mas não, não volta atrás... Atrás dos meus modelos
da recusa de Deus, Parcas cujos novelos
rolavam pelo chão como um par de pupilas,
entrei num labirinto e pus-me a persegui-las! (p. 129)

XV

“Como foi que as estátuas no poço da Medusa
chegaram lá?” – Ainda eram vivas ao descer.
“E por que desceriam?” – Porque existe no ser
uma obscura gravidade, a luz difusa

de um sol cadente que cobiça o entardecer.
“Mas num mundo de pedra?!” – O mundo é uma confusa
noção tumultuosa e há na forma um prazer,
traduzido do orgulho, que é mais que uma recusa
e vai levando a própria luz a arrefecer.
“Voltariam de lá?” – Quem? “Cada semi-estátua
com seu sol de mentira...” – Não sei, porque morrer
é a grande embriaguez da alma, e ela anda à cata
de se evadir, de ser o que deixa de ser.
Há uma estranha euforia na morte que não mata. (p. 129)

Prece pelo dia seguinte

Beatíssima Virgem Maria,
amica nostra, mãe do espírito
e de todo princípio e origem,
pequeno espelho do infinito
e para central da estirpe
deste mundo tão esquisito
para qual pariste o teu Filho;

a filha de Dona Cecília
está morrendo igual a ela;
[...]

A mortalidade moral
mata mais que faca e fuzil
no território nacional;
de ponta a ponta o meu país,
cada dia mais infantil,
mata a si mesmo com ardis,
com imposturas, num marasmo igual

às diabruras e penduricalhos
da pior africanização;
como uma colcha de retalhos
que não tapa mais nada, o chão
de derrapantes assoalhos
deste país sem direção,
é sacudido pela mão

do preterimento e do embuste
quando a noite mais uma vez,
como a dissonância na acústica,
cai das alturas como um susto,
um pesadelo a mais, talvez
uma oportunidade... E o que custa
para um minuto, dois três,

e refletir, orar, ou ver,
ver simplesmente o que fazemos
da raça inteira, de nós mesmos?
[...]

(p. 215-216)

Transforma o meu país, Senhora
das súbitas transfigurações,
ó Aparecida nos porões
em que torturam o homem e a aurora,
ó peregrina entre as visões,
ó negra, ó branca, ó mediadora
das grandes reaproximações,

escuta-nos, mãe de Jesus!
Ora pro nobis, vem a nós,
como estavas ao pé da Cruz
à hora sombria, o instante atroz
em que se ouviu aquela voz:
Por que me abandonaste? A luz
nos abandona, estamos sós

terrivelmente, mais a culpa
que temos todos deste horror...
Que fizemos de nós, ó Mística,
ó Rosa Rústica, ó penhor
da salvação à hora última,
advoga ante o Senhor
vem a nós, fala-nos, que a acústica

da velha catedral em ruínas
ecoe outra vez com teu nome,
tua voz! [...]

(p. 219)

Nós, os mutantes, os idólatras
das lucubrações orgulhosas
do encolhido intelecto, esse alcoólatra
que se embebedou de paródias.
A tua inteligência da morte
é o único modelo da nossa.
O mais é a miragem do apóstata.

(p. 220)